

Estamos em terceiro do mundo com uma doença mortal

Com 10.510 casos notificados de Aids (e 5.316 óbitos) desde 1980, o Brasil também ocupa uma incômoda posição mundial em relação à doença: é o terceiro país em número de casos de Aids, atrás dos Estados Unidos, com 124.282 casos e do Zaire, com 11.732. Computados, no entanto, o número de casos em relação à população, o Brasil ocupa o 40º lugar. Cerca de 63% dos casos brasileiros foram registrados em São Paulo.

Embora o contato sexual continue sendo a principal causa de transmissão da doença (66,5% das notificações), os últimos anos mostram um crescente aumento de contaminação devido ao uso de drogas endovenosas, que já chega a 14,7% do total. Com exceção de São Paulo, ainda é preocupante, também, a transmissão por sangue contaminado.

De cura ainda desconhecida, a Aids só pode ser combatida pela prevenção. E aqui, segundo o infectologista Vicente Amato, o Brasil enfrenta o mesmo problema dos outros países: "A prevenção da doença só pode ser feita com a mudança do comportamento da população, tanto no relacionamento sexual como no uso de drogas endovenosas e isso é extremamente difícil", diz.

O remédio AZT realmente reduz o desenvolvimento da Aids em pessoas já contaminadas com o vírus, segundo estudo publicado na revista médica americana "New England Journal of Medicine". A pesquisa foi realizada no Hospital Geral de São Francisco, entre 1.338 pessoas já contagiadas com o vírus mas que, no início da experiência, ainda não tinham sintomas da Aids. Delas, durante 55 semanas, 453 receberam 500 miligramas diários de AZT, 457 receberam 1.500 miligramas por dia da droga e 428 só tomaram uma substância inócua.

Ao fim de mais de um ano, tinham desenvolvido Aids 33 pessoas das que tomaram a substância inócua, 11 das que tomaram a dose menor de AZT e 14 das que receberam a dose maior do remédio. Conclusão dos pesquisadores: para quem já tem o vírus, a chance de desenvolver a Aids é 50% menor entre os que tomam o AZT, em relação aos que não tomam.